

## ARTIGO

### **Xenofobia e alteridade: uma revisão bibliográfica a partir de perspectivas socioespaciais, geopolíticas e psicanalíticas**

*Alexandre Luís Ponce Martins\**  
*Vivian Rafaella Prestes\*\*\**

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo discutir questões teóricas referentes a distintas interpretações disciplinares a respeito do conceito de xenofobia. Objetiva-se justificar a presença de várias interferências na interpretação do vocábulo, tendo em vista os pressupostos geográficos, sociais, econômicos e psicanalíticos que atuam significativamente no contexto social contemporâneo. Inicialmente, por meio de uma revisão bibliográfica, discorre-se sobre os convencionalismos presentes no decorrer da história, isto é, aborda-se brevemente a questão na Antiguidade, no mercantilismo e nos séculos XVIII e XIX. Para tal, caracterizam-se as relações xenofóbicas a partir de dois recortes: o primeiro diz respeito a aspectos socioespaciais e o segundo, a interpretações da psicanálise. A temática justifica-se, uma vez que o termo tem como base preconceitos, e essas circunstâncias influenciam os rumos geopolíticos da questão migratória. As consequências das políticas públicas e do comportamento cultural de determinado grupo social podem implicar precarização da qualidade de vida dos indivíduos alóctones, principalmente aqueles pertencentes a locais periféricos economicamente. Dessa forma, apresenta-se uma abordagem simplificada quanto à xenofobia e à construção do preconceito contra o estrangeiro, a partir de outras interpretações além da questão geográfica, sendo estas abrangidas pela análise sociológica, econômica e psicanalítica.

**Palavras-chave:** Xenofobia; Preconceito; Migração; Geopolítica; Psicanálise.

### ***Xenophobia and Otherness: A Literature Review from Socio-Spatial, Geopolitical, and Psychoanalytic Perspectives***

**Abstract:** This article aims to discuss theoretical issues concerning different disciplinary interpretations of the concept of xenophobia. It seeks to justify the presence of multiple interferences in the interpretation of the term, considering the geographical, social, economic, and psychoanalytic assumptions that significantly act upon the contemporary social context. Initially, through a bibliographic review, the conventions present throughout history are addressed, briefly covering the topic from Antiquity to mercantilism and the 18th and 19th centuries. To this end, xenophobic relations are characterized based on two perspectives: the first concerns socio-spatial aspects, and the second deals with psychoanalytic interpretations. The theme is justified because the

term is grounded on prejudices, and these circumstances influence the geopolitical directions of migratory issues. The consequences of public policies and the cultural behavior of a given social group may imply a precariousness in the quality of life of allochthonous individuals, especially those from economically peripheral locations. Thus, a simplified approach to xenophobia and the construction of prejudice against the foreigner is presented, incorporating interpretations beyond the geographical dimension, encompassing sociological, economic, and psychoanalytic analyses.

**Keywords:** Xenophobia; Prejudice; Migration; Geopolitical; Psychoanalysis.

## 1. Introdução

Este artigo tem o propósito de agregar ideias da ciência psicanalítica à compreensão da xenofobia, em diálogo com as perspectivas geográficas, geopolíticas e sociológicas do termo. A interlocução com a psicanálise se faz oportuna, uma vez que as abordagens geográficas e geopolíticas, ao considerarem as relações entre território, poder, identidade e pertencimento, dialogam com o que Freud discorre sobre o indivíduo e sua constituição nas relações sociais. Para essas correntes teóricas, o indivíduo se constitui nas e pelas relações sociais, inserido em contextos territoriais e relações de poder que influenciam a construção das identidades e das percepções sobre o outro. Assim, é possível interpretar a intolerância, a xenofobia e os preconceitos a partir da articulação entre os referenciais psicanalítico, geográfico, geopolítico e sociológico.

Para tal, foi realizada uma revisão bibliográfica para estabelecer os conceitos de xenofobia a partir de relações sociais, econômicas, geográficas e psicanalíticas. O texto dividiu-se em duas partes: a primeira retrata questões econômicas, sociais e geográficas que permeiam o conceito; a segunda define os aspectos psicanalíticos que influenciam atitudes preconceituosas e xenofóbicas.

Para alicerçar a discussão, buscou-se autores que trataram direta ou indiretamente do assunto. Partindo da xenofobia como uma forma de preconceito que admite outras formas de pré-julgamento, estabeleceu-se também o etnocentrismo e o racismo, bem como o próprio conceito de preconceito. Abordou-se ainda a mobilidade desses indivíduos, uma vez que o estrangeiro é um sujeito que se move por motivações individuais, micro e macroeconômicas.

A elucidação dessas situações justifica-se pelo aumento dos fluxos migratórios e pelas relações dos indivíduos nacionais com esses atores, não apenas com cidadãos estrangeiros, mas também com aqueles que possuem características culturais distintas dentro de uma mesma sociedade, o que é comum no Brasil. Tais situações são atuais, principalmente com o avanço das tecnologias de transporte e informação que, por sua vez, amplia o contato entre etnias diversas e, por vezes, intensifica comportamentos preconceituosos. Para compreender a xenofobia em sua complexidade, faz-se necessário resgatar seus percursos históricos e suas dimensões espaciais e conceituais.

## 2. Xenofobia: percursos históricos, dimensões espaciais e fundamentos conceituais

O preconceito contra outros grupos étnicos não é um fenômeno restrito à atualidade, observando-se que tal situação sempre ocorreu na história da humanidade. No decorrer do tempo, sociedades foram influenciadas, desenvolveram-se e desapareceram a partir de circunstâncias correlatas a fatores xenofóbicos. Na contemporaneidade, exemplos de vulnerabilidade de estrangeiros são mais evidentes, destacando-se com os avanços tecnológicos nas áreas de informação e transportes. Com maior visibilidade, o tema está presente nas discussões políticas de âmbito internacional e suas consequências atingem os atores sociais, sendo pertinente a discussão. Este recorte inicia-se a partir das implicações históricas e suas consequências econômicas e sociais quanto a preconceitos no decorrer do tempo. Posteriormente, será considerada a conceituação do termo xenofobia.

Inicialmente, salienta-se que a historiografia brasileira, e em parte a ciência ocidental, baseia-se em pressupostos eurocêntricos, uma vez que a sedimentação da ciência moderna tem gênese no século XVIII com o estabelecimento do pensamento iluminista, iniciado na Europa, e percorre o globo por meio do neocolonialismo imperialista. Entretanto, reconhece-se que tal fato deve ser centro de debate com o objetivo de universalizar as ciências humanas e compreender a contribuição de outras sociedades para o processo que formou o mundo contemporâneo (Barbosa, 2008).

Nesse sentido, destaca-se que as bases históricas colocadas neste trabalho têm como alicerce a historiografia oficial europeia, utilizada para sedimentar exemplos de preconceito que ocorreram no decorrer da história humana. Reconhece-se, contudo, que a xenofobia e demais formas de preconceito étnico e cultural ocorrem, e ocorreram, também em diversas sociedades em várias partes do mundo.

Segundo Cabecinhas (2010), desde a Antiguidade determinados povos dominavam outros a partir de diversas ações, entre as quais formas violentas. Nesse contexto, o que os diferenciava era a crença, subjetiva e concreta, na superioridade de um grupo sobre outros. Quando se escreve subjetivas, refere-se ao fato de acreditarem, dentro de seus pressupostos étnicos, serem mais aptos, inclusive biologicamente, como os povos greco-romanos em relação aos bárbaros na Antiguidade. O concreto manifesta-se na materialidade da dominação, isto é, a superioridade bélica possibilitada por melhores avanços técnicos efetivava a dominação de uma etnia sobre outra. Nesse caso, os romanos não conseguiram barrar as invasões bárbaras, o que derrubou o Império Romano no Ocidente (Gibbon, 1989).

A Idade Média, segundo a periodização da História, inicia-se com o fim do Império Romano do Ocidente, tendo as invasões bárbaras como fator preponderante da nova organização

econômica e social que se estabeleceu até o início da Idade Moderna. As cidades retrocederam e as relações comerciais decaíram, o que caracterizou o feudalismo. Do ponto de vista étnico, ainda existiam semelhanças e dissensos culturais, porém segregados em territórios menores denominados feudos. As rivalidades com grupos étnicos distintos permaneciam, mas sem organização centralizada para qualquer tipo de combate interno no continente europeu. Externamente, as cruzadas, que tinham o ponto de vista religioso como fator de conflito entre cristãos e muçulmanos, tinham como objetivo conquistar a Terra Santa no Oriente Médio (Gibbon, 1989).

A partir do século XV e XVI, a ascensão do sistema econômico mercantilista, marcado pelas grandes navegações, subsidiou o estabelecimento de um maior conhecimento geográfico do planeta, assim como de seus habitantes, de forma que permitiu o avanço do colonialismo. Os europeus, por meio das grandes navegações, solidificaram a ocupação das Américas, litoral africano e Índias. Estabeleceu-se uma forma de domínio exploratório sobre os povos nativos daquelas áreas com visão discriminatória, segundo a qual se acreditava que aquelas sociedades eram pouco ou não civilizadas e primitivas, sendo consideradas, por vezes, como não seres humanos, fato que legitimou o tráfico de escravos africanos (Andrade, 1999).

O desenvolvimento científico estabeleceu suas bases a partir do final do século XVIII e todo o XIX, gênese do período Contemporâneo. Sob a égide do pensamento iluminista, deteriorou-se o domínio do Antigo Regime sobre os demais estamentos sociais, com base na razão e no método que, naquele momento, se desenvolvia. No âmbito da biologia, pesquisas quanto às diferenciações das "raças" humanas fortaleceram-se, principalmente nas nações exploradoras imperialistas.

Carl Linnaeus classifica os seres humanos a partir de juízos de valor, além de seus atributos físicos. Observa-se que, a partir de sua análise, os negros são descritos como lentos e os europeus, belos, amáveis e inteligentes. Tais ideologias foram utilizadas como justificativa para o colonialismo europeu no século XIX, pois, para os europeus, os africanos estariam sendo favorecidos por um processo civilizatório que os beneficiaria, isto é, seriam civilizados. Estes estudos criaram o que foi chamado de racismo científico e serviram como base para uma variedade de teorias segregativas que ampliariam o preconceito. (Cabecinhas (2010)

Uma das referências marcantes do "racismo científico" foi Francis Galton, fundador de um laboratório de eugenia com vista ao aperfeiçoamento da espécie humana. Galton argumentou em defesa da eliminação progressiva dos "indesejáveis" da sociedade, proibindo-lhes o casamento ou impondo a sua esterilização e, simultaneamente, tentou proteger, aperfeiçoar e multiplicar os indivíduos "mais aptos", de melhor saúde física e moral (Cabecinhas, 2010, p. 26).

Tais estudos pioneiros contribuíram para criar um ambiente de hostilidades quanto às outras etnias. Nesse aspecto, observa-se na atualidade uma intolerância significativa em relação a

povos estrangeiros ou mesmo contra atores de um mesmo país com características culturais distintas. A forma de preconceito designada para cada uma dessas atuações é denominada, respectivamente, xenofobia e etnocentrismo. Quanto ao primeiro, evidencia-se:

Referência ao ódio, receio, hostilidade e rejeição em relação aos estrangeiros. A palavra também é frequentemente utilizada em sentido lato como a fobia em relação a grupos étnicos diferentes ou face a pessoas cuja caracterização social, cultural e política se desconhece. A xenofobia é uma ideologia que consiste na rejeição das identidades culturais que são diferentes da própria (De La Garza, 2011, p. 86).

A autora apresenta características de etnocentrismo e xenofobia no mesmo fragmento. De fato, todo xenofobismo apresenta conexões com o outro conceito, já que o estranhamento ao estrangeiro é abastecido pelas diferenças culturais que o imigrante apresenta, isto é, distinções quanto ao idioma, religião, costumes, alimentação, entre outros. Todavia, nem todo etnocentrismo é xenofobia, uma vez que o preconceito étnico pode variar dentro de um mesmo país, entre aspectos culturais muito distintos dentro da mesma fronteira.

Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc. (Rocha, 1988, p. 5).

Como observado, o etnocentrismo está contido no conceito de xenofobia, porém não são sinônimos. A base deste está diretamente relacionada com a nacionalidade do indivíduo em âmbito fronteiriço. Assim, a xenofobia, segundo Albuquerque Junior (2016, p. 9):

A palavra xenofobia vem do grego, da articulação das palavras *xénos* (estranho, estrangeiro) e *phobos* (medo), significando, portanto, o medo, a rejeição, a recusa, a antipatia e a profunda aversão ao estrangeiro. Ela implica uma desconfiança e um preconceito em relação às pessoas estranhas ao território, ao meio, à cultura a que pertence aquele que julga, que observa, que se considera como estando em seu lugar. A xenofobia implica uma delimitação espacial, uma territorialidade, uma comunidade, em que se estabelece um dentro e um fora, uma interioridade e uma exterioridade, tanto material quanto simbólica, tanto territorial quanto cultural, fazendo daquele que vem de fora desse território ou dessa cultura um estranho ao qual se recusa, se rejeita com maior ou menor intensidade.

Portanto, a xenofobia é multifacetada e está associada a fatores diversos tanto no âmbito cultural, como explicitado por Albuquerque Junior, quanto no âmbito de políticas migratórias, econômicas e com a perspectiva psicológica de cada indivíduo. Por ser um conceito de entendimento múltiplo, é ainda associada às questões de preconceito racial, isto é, o pré-julgamento a partir da aparência física, segundo Cabecinhas (2010, p. 17): "No seio da Psicologia Social, o racismo é geralmente considerado como um tipo particular de preconceito em que os alvos da

atitude negativa são pessoas de determinada 'raça'." Portanto, destaca-se a importância de uma abordagem transdisciplinar do problema em questão.

Na atualidade, a xenofobia pode ser vista como uma forma de preconceito mais aparente em razão dos processos de globalização, visto que os atores em movimento têm mais possibilidades de deslocamento por meio dos sistemas de transporte e estão mais visíveis a partir dos meios de informação e comunicação. Sob a perspectiva geopolítica, a intensificação dos fluxos migratórios também se relaciona às desigualdades entre os territórios, aos conflitos, às disputas de poder e às políticas de controle das fronteiras, que influenciam tanto os deslocamentos populacionais quanto a forma como os migrantes são recebidos nos países de destino.

Com o crescimento do número de migrantes e a maior visibilidade dos grupos autóctones e alóctones, ampliam-se as formas de hostilidade contra estes últimos, bem como sua vulnerabilidade. Nesse contexto, discursos políticos associados à soberania nacional, à segurança territorial e à defesa de determinadas identidades nacionais podem contribuir para a construção do estrangeiro como ameaça, reforçando práticas de exclusão e manifestações xenofóbicas.

Evidencia-se a necessidade de se entender os motivos que levam determinadas pessoas a sair de seu local de origem para tentar sobreviver em um local que pode ser estranho para si e suas famílias. Nesse aspecto, Rocha (1998) aponta que a migração pode ser coercitiva, em uma forma de "mobilidade forçada". Esta ocorre a partir dos interesses do sistema capitalista com o próprio deslocamento de determinados grupos ou indivíduos, sendo, portanto, exógena à vontade do trabalhador.

Gaudemar (1977) esclarece que o capitalismo influencia a maneira como os seres humanos constituem seus comportamentos. Assim, em meio aos interesses do sistema, ocorre a mobilidade da força de trabalho. Dessa forma, todo planejamento capitalista de mobilidade é também mobilidade forçada. Gaudemar (1977, p. 190) coloca que a "[...] mobilidade da força de trabalho é assim introduzida, em primeiro lugar, como a condição de exercício de sua 'liberdade' de se deixar sujeitar ao capital, de se tornar mercadoria cujo consumo criará o valor e assim produzirá o capital", ou seja, existe uma "escolha" em se deixar explorar pelo capital com o fim de gerar mais-valia para os donos dos meios de produção. Mais adiante, ainda esclarece:

A relação entre mobilidade e a liberdade da força de trabalho pode ser ainda precisada. No seu aspecto positivo, a liberdade condiz à possibilidade do trabalhador escolher seu trabalho e o local onde exercê-lo; no seu aspecto negativo, ela conduz às exigências do capital e o seu poder de despedir em qualquer altura um trabalhador, ou de transformar o seu trabalho assim como as condições em que ele o exerce (Gaudemar, 1977, p. 190).

Por vezes, o ódio ou aversão ao estrangeiro é justificado a partir das motivações deste mesmo indivíduo. Os grandes fluxos são marcados pela fuga de uma situação de precariedade e busca de uma melhor qualidade de vida. A desigualdade social, fomentada pela macroeconomia a partir do desenvolvimento desigual e combinado (Low, 1989), constitui diferenciações na divisão internacional do trabalho, que tem como consequência a migração de pessoas advindas de países considerados menos desenvolvidos economicamente para países mais desenvolvidos.

O indivíduo em estado de migração sai, por vezes, de situação de risco em seu local de origem e, durante o processo, passa por situações de vulnerabilidade, entre as quais violência física, moral, sexual, entre outras (Frasson; Martins, 2016). Tais situações podem levar a prejuízos não somente físicos, mas também psíquicos. Os atores envolvidos nesses casos chegam ao seu destino sem, muitas vezes, saber se vão conseguir se alocar e melhorar suas condições de existência.

Por meio das ciências sociais, entre as quais se inclui a Geografia, pode-se afirmar que as medidas econômicas levam atores diversos a migrarem na busca de melhor qualidade de vida, muitas vezes a partir de um deslocamento coercitivo influenciado pelo sistema econômico que gera espaços desiguais, preconceito e, conseqüentemente, vulnerabilidade dos indivíduos. Entender a atuação dos diversos atores envolvidos nos processos anteriormente descritos, em âmbito individual e coletivo, configura-se como relevante para se discorrer sobre a temática aqui abordada. Se as dimensões históricas e espaciais revelam as condições materiais da xenofobia, a psicanálise permite compreender seus mecanismos psíquicos subjacentes.

### **3. Xenofobia e etnocentrismo: uma leitura psicanalítica do preconceito**

Nas eleições brasileiras de 2014, foi notável a frequência de manifestações etnocêntricas em redes sociais, como "nordestinos são preguiçosos" e "matem um nordestino". Manifestações semelhantes ocorrem em outros países, como os comentários preconceituosos de Donald Trump. Além da política, o preconceito cotidiano perpassa situações veladas, como piadas que desqualificam o diferente por opção sexual, etnia ou sotaque.

"Preconceito" é termo genérico que abrange diversos objetos de hostilidade, com nomeações específicas: racismo, homofobia e xenofobia. Visto que a xenofobia é uma manifestação preconceituosa, abordar-se-á esse assunto, correlacionando teoria e especificidade xenofóbica.

A xenofobia é aversão ao estrangeiro, intolerância ao diferente, estranho, desconhecido. A aversão é face do ódio, e só se odeia quando se teme estar em perigo, real ou imaginário. A fobia ao não familiar é comportamento presente em homens primitivos e crianças. O preconceituoso percebe o mundo como hostil e, para se defender da impotência, sua onisciência o faz sentir-se superior ao objeto.

Em 1919, Freud (1996b) escreve "O estranho", usando o termo *Unheimlich*, que expressa "o estranho familiar". O autor afirma que complexos infantis reprimidos tornam-se estranhos à consciência. O estranho nos habita, mas é intolerável ao psiquismo. Como os conteúdos inconscientes insistem em aparecer, algumas experiências tocam a história infantil, dando impressão de familiaridade. Por ser desconfortável aceitar isso como traço próprio, o indivíduo projeta características desagradáveis no outro. A projeção é mecanismo de defesa que protege o aparelho psíquico do que julga ameaçador.

A projeção é mecanismo central do preconceituoso. Laplanche e Pontalis (2001, p. 374) definem como "operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro qualidades, sentimentos, desejos que ele desconhece ou recusa". Crochík (2011, p. 14) afirma que "o preconceito diz mais respeito às necessidades do preconceituoso do que às características de seus objetos".

A xenofobia exemplifica como grupos localizam nos outros sentimentos de insuficiência. A expressão "bode expiatório" alude a uma "culpa" que recai sobre alguém sem que o tenha cometido. O outro, principalmente o desconhecido, torna-se depósito do que há em mim e me desagrada. Diante do não familiar, o ser humano regride a estágio anterior ao pensamento racional, acreditando que estereótipos descrevem a essência do estranho.

Em 1921, Freud (1996a), em "Psicologia de grupo e a análise do ego", afirma que o indivíduo age de modo distinto em grupo. Amor e ódio povoam o interior humano. Ao compartilhar objetivos em grupo, a agressividade é exteriorizada para outro grupo, mantendo a coesão interna. O autor usa "narcisismo das pequenas diferenças" para explicar a tendência a exagerar diferenças entre semelhantes, ampliando a realidade concreta do estranho para resguardar a unidade grupal.

Crochík (2001) afirma que a deformação da realidade, mecanismo primitivo para contornar a angústia, garante que o preconceituoso tenha depositário para seus afetos agressivos e continue amado pelo grupo. Essa dinâmica é semelhante à da criança que aceita orientações parentais não por concordância, mas para preservar o amor dos pais.

Crochík (2001) distingue preconceito de pré-conceito. Todo conhecimento pressupõe pré-conceitos, experiências prévias que tornam o estranho familiar. Não há experiência pura. O preconceito ocorre quando nem o conteúdo nem o sujeito se modificam, obstruindo a compreensão do objeto.

Evidenciaram-se características que alimentam o preconceito: projeção de conteúdos próprios e receio de perder o amor do grupo. Porém, restringir o preconceito a aspectos psíquicos é desconsiderar a interação indivíduo-sociedade. O preconceito não é inato; o indivíduo encontra na cultura elementos que perpetuam comportamentos intolerantes.

As leis sociais ameaçam excluir quem não segue imperativos culturais. Dunker (2015) elabora a "lógica do condomínio": muros como proteção e negação do diferente. Os condôminos acreditam ser iguais, excluindo o "de fora". Essa lógica relaciona-se à xenofobia: o xenófobo teme o estrangeiro, unindo-se aos "iguais" dentro das fronteiras simbólicas. O objeto do xenófobo é excluído e reflete sua própria vulnerabilidade à exclusão.

Crochík (2011) assevera que o indivíduo preconceituoso tem dificuldade de refletir diante do diferente. O estrangeiro rompe com a percepção rotineira, e a reflexão torna-se impossibilitada por mecanismos que cegam o sujeito diante de seu espelho. Negar conteúdos próprios e sociais pode ser uma saída para o mal-estar, mas culpabilizar o outro mantém o preconceituoso em alienação, o que não reduz seu sofrimento.

Dessa maneira, a partir de uma perspectiva geopolítica, essa construção do estrangeiro como "outro" pode ser reforçada por discursos associados às fronteiras, à soberania, à segurança e à identidade nacional, que frequentemente estabelecem distinções entre aqueles considerados pertencentes ao território e aqueles percebidos como externos ou ameaçadores. Assim, processos subjetivos de rejeição ao diferente articulam-se a relações de poder e representações territoriais que podem legitimar ou intensificar práticas xenofóbicas.

#### **4. Considerações finais**

O preconceito é um tema que, para ser entendido, exige a articulação de várias áreas do saber. Assim, o propósito deste artigo foi relacionar esse assunto, especificamente sua manifestação na xenofobia, com as considerações da geografia humana e da psicanálise, em seus aspectos individuais e sociais, já que o ser humano, em sua complexidade, é constituído por múltiplas interfaces de experiências.

Geograficamente, a xenofobia, conceito diretamente relacionado ao racismo e ao etnocentrismo, apresenta relações com a definição da divisão territorial do trabalho. Economicamente, a imigração pode configurar-se como uma solução à perda da população economicamente ativa, fato recorrente em países com maturidade urbana permeada pela construção familiar planejada, novo papel da mulher no mercado de trabalho e acesso a métodos contraceptivos. As famílias menores, com o aumento da expectativa de vida, pressionam esses Estados a buscar uma solução para a falta de mão de obra. Contudo, o estrangeiro é recebido com indiferença e violência. Tal situação configura-se a partir de um conjunto de motivações históricas, socialmente sedimentadas por preconceitos que extrapolam do individual ao coletivo.

Tendo em vista que o indivíduo, para a teoria psicanalítica, é constituído pelo laço com o outro, podemos afirmar que o social exerce influência na dinâmica do sujeito, haja vista que ele está

inserido em um contexto cultural permeado por fatores econômicos, sociais e geopolíticos. Sob a perspectiva geopolítica, as relações de poder, as disputas territoriais, a construção de fronteiras e a afirmação de identidades nacionais também participam da produção de representações acerca do outro, especialmente daquele percebido como estrangeiro ou pertencente a grupos externos à comunidade nacional.

Assim, a contribuição da psicanálise é a compreensão de que, para se relacionar com o mundo externo, o ser humano utiliza estratégias e defesas, como a projeção da agressividade, tornando tal interação social mais “tolerável” para o psiquismo. Há duas formas de o intolerante agir: ou lhe causa angústia perceber que o outro não é seu reflexo e, portanto, é diferente de si, ou esse outro reflete conteúdos íntimos que lhe causam desconforto. Nesse sentido, discursos e práticas geopolíticas podem mobilizar diferenças identitárias, territoriais e nacionais, contribuindo para a construção do estrangeiro como ameaça e potencializando manifestações xenofóbicas. Isso acarreta problemas ao convívio social, ocasionando, em última análise, a violência. O maior desafio para a sociedade tem sido a forma de controlar e regular tal agressividade, componente intrínseco a todo indivíduo.

## Referências bibliográficas

ANDRADE, Manuel Correia de. *Imperialismo e fragmentação do espaço*. São Paulo: Contexto, 1999.

BARBOSA, Muryatan Santana. "Eurocentrismo e História: problemas e alternativas". In: *Anais do 2º Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas*. Ouro Preto: EdUFOP, 2008, p. 1-9.

CABECINHAS, Rosa. "Expressões de racismo: mudanças e continuidades". In: MANDARINO, Ana Cristina de Sousa; GOMBERG, Estelio (orgs.). *Racismos: olhares plurais*. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 11-44.

CROCHÍK, José Leon. *Preconceito, indivíduo e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

DE LA GARZA, Cecília. "Xenofobia". *Revista Laboreal*, v. 7, n. 2, p. 86-89, 2011. Disponível em: <http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=37t45nSU547112435:258574821>. Acesso em: 20 maio 2016.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. São Paulo: Boitempo, 2015.

FRASSON, Margarete; MARTINS, Alexandre Luís Ponce. "Fronteiras e mobilidade humana: seria uma questão de dominação imperialista?". *Revista Percursos – NEMO*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 185-212, 2016.

FREUD, Sigmund. "Psicologia de grupo e a análise do ego". In: FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a, p. 75-148.

FREUD, Sigmund. "O estranho". In: FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b, p. 235-276.

GAUDEMAR, Jean Paul. *Mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. Lisboa: Estampa, 1977.

GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro*. São Paulo: Cortez, 2016.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LÖWY, Michael. "Le marxisme en Amérique Latine". *Anthologie*, Paris, Maspero, p. 239-258 e 413-423, 1980.

ROCHA, Everaldo Guimarães. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROCHA, Márcio Mendes. "A espacialidade das mobilidades urbanas: um olhar para o Norte Central Paranaense" (tese de doutorado). Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1998.

---

\* Doutor em Geografia Humana pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), docente Formador na UniCesumar.

Email: [alexandreponc@gmail.com](mailto:alexandreponc@gmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0039585886054337>

\*\*\* Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), docente no Centro Universitário Cidade Verde (UNICIVE), psicóloga clínica e psicanalista em formação permanente pelo Instituto Langage.

Email: [psicologa.vivian@hotmail.com](mailto:psicologa.vivian@hotmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9064147932841514>